

DESIGUALDADES NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE SOBRE ACESSO, RENDIMENTO E DESEMPENHO NO BRASIL E NO RIO DE JANEIRO

Diana Cerdeira

UERJ

dianacerdeira@yahoo.com.br

Luiz Carlos de Souza

UNIRIO

luiz.souza@unirio.br

Resumo: Mapeamos aspectos da expansão do Ensino Médio no Brasil e no estado do Rio de Janeiro nas últimas décadas. Por meio de uma pesquisa exploratória, analisamos dados de bases e relatórios governamentais para discutir a evolução do acesso, rendimento e desempenho dos estudantes. Embora tenhamos avanços significativos, nossos resultados ainda estão aquém do esperado e persistem as desigualdades de renda, gênero, cor, território e redes de ensino, dentre outras.

Palavras-Chave: Ensino Médio; Desigualdades Educacionais; Rio de Janeiro.

Introdução

Historicamente, obtivemos avanços na ampliação do acesso à educação básica, nas condições de permanência na escola e nos níveis de aprendizagem. Nos questionamos como esses aspectos evoluíram no Ensino Médio (EM) e como tem impactado na redução das desigualdades. Analisamos a oferta do EM no estado do Rio de Janeiro (RJ), contextualizando-a com informações de âmbito nacional. As desigualdades são abordadas de forma transversal às três dimensões analisadas: acesso, rendimento e desempenho.

Trata-se de uma análise documental, com base em dados e indicadores educacionais, inserida num contexto de pesquisas sobre a Reforma do Ensino Médio (Pinheiro et al, 2020). O recorte temporal inclui as últimas décadas até o ano de 2019, portanto, não inclui o período pandêmico, onde tivemos alterações significativas no acesso, em função do ensino remoto e nas taxas de aprovação, devido ao parecer do Conselho Nacional de Educação.

Metodologia

Esta pesquisa é descritiva e exploratória. As análises partem de dados secundários, disponibilizados em bases de dados e relatórios oficiais do governo e de entidades da sociedade civil.

Resultados e Discussão

Tanto no RJ quanto no Brasil houve grande expansão do acesso ao EM de 1995 a 2005. Após uma tendência de queda nas matrículas, observa-se estabilização a partir de 2017, possivelmente devido ao comportamento demográfico do país e redução da reprovação e abandono. Há 20 anos, 65% dos jovens de 15 a 17 anos ainda estavam no ensino fundamental (EF) e atualmente houve redução

para cerca de 30%. Contudo, os números permanecem alarmantes: em 2019, tanto no RJ quanto no Brasil, cerca de 35% dos estudantes haviam completado 19 anos sem a conclusão do EM (BRASIL, 2019b). Em 2019, haviam 674.814 brasileiros nessa faixa etária fora da escola no Brasil, dos quais, 22.260 no RJ.

Sobre as desigualdades de acesso, desde 2012 não reduzimos a desvantagem dos alunos do campo em relação aos das áreas urbanas. Os brancos mantinham-se 3 pontos percentuais (p.p) de vantagem em relação aos pretos e tal diferença subiu para 3,9 p.p. em 2019. Com relação ao nível socioeconômico (NSE), entre 2016 e 2018, a desigualdade de acesso entre os 25% mais ricos e 25% mais pobres era de 10 p.p. Dentre os que acessam o EM na idade adequada, também se observa desvantagens nas áreas rurais, para pretos, meninos e, sobretudo, para os mais pobres (BRASIL, 2020).

Com relação ao rendimento, Brasil e RJ vem melhorando as taxas de aprovação, conclusão do EM e abandono escolar. Em geral, o RJ reprova mais que o país. Em 2019, enquanto o Brasil aprovou 86% dos alunos do EM, com 9% de abandono, o RJ aprovou 81%, com 12% de abandono. Entretanto, em ambos, observou-se oscilações e relativa estagnação na última década (BRASIL, 2019a; 2019b).

Até 2010 a rede estadual do RJ aprovava pouco mais de 50% dos alunos. A partir daí, as taxas melhoram, chegando a 80% de aprovação em 2015 e caindo para 78% em 2019. Embora todas as redes tenham melhorado a aprovação, observa-se uma redução das desigualdades entre elas nos últimos anos. Com relação ao abandono, em 2007, 20% dos estudantes da rede estadual do RJ abandonavam o EM. Em 2019, a taxa cai para 7,5%, percentual que a rede federal apresentava 12 anos antes. (BRASIL, 2019a; 2019b).

No tocante à distorção idade-série, o RJ apresenta taxas mais elevadas que as nacionais e menor avanço. O Brasil registra quedas graduais até 2019. O RJ também apresenta queda, porém volta a aumentar a partir de 2016, retornando à taxa de 2012. Em 2019, enquanto o RJ tem 35% de distorção idade-série no EM, o Brasil registra 26% (BRASIL, 2019a; 2019b).

De acordo com o Ipea, são os alunos pretos, do sexo masculino e das áreas rurais que tem as maiores taxas de distorção idade-série. Até 2005, mais de 50% dos alunos com esse perfil encontravam-se em distorção idade-série. Embora as taxas tenham diminuído para todos ao longo dos anos, as desigualdades não haviam diminuído até 2015 e aumentaram entre alguns grupos (sexo e local). A cor ainda é o fator de maior desigualdade dentre os apresentados (BRASIL, 2015).

Sobre o desempenho, nem o Brasil, nem o RJ vem evoluindo no Ideb. Ambos apresentam Ideb parecido e não vem batendo as metas projetadas. O Brasil tem 3,4 em 2005 e chega em 2019 com 4,2. Já o RJ começa com 3,3 e em 2019 está com 4,1. O estado tende a ter índices abaixo da média nacional, provavelmente porque suas taxas de rendimento são piores que as do Brasil, ainda que seu desempenho nas provas seja melhor.

De acordo com a escala de Soares e Xavier (2013), o percentual de alunos com aprendizado adequado não vem avançando significativamente. Em 2019, o Brasil tinha 34% e o RJ 33% de alunos com aprendizado adequado em português. Em matemática, ambos apresentam apenas 7%.

Ao analisar as proficiências entre diferentes grupos, percebemos as mesmas desigualdades já apontadas em aspectos do acesso e rendimento no EM. De acordo com os microdados do SAEB (BRASIL, 2019c), as redes estaduais, assim como a do RJ

apresentam proficiências mais baixas que a média nacional (RAMOS, 2018). Os brancos têm proficiências maiores que os pardos, que por sua vez, têm maiores que os pretos (SOUZA, 2016). Nas áreas rurais, as pontuações são mais baixas que nas urbanas. Estudantes do turno matutino têm pontuações mais altas que os do vespertino (BARTHOLO e COSTA, 2014). O turno noturno tem os piores resultados. Tradicionalmente, são alunos mais pobres, repetentes e trabalhadores.

As desigualdades são ainda maiores entre os mais pobres e os mais ricos. O aprendizado se mostra mais desigual no RJ que no país como um todo. Também há mais desigualdade na aprendizagem de matemática do que de português, se considerarmos o NSE dos alunos.

Conclusão

Evidenciamos que o acesso e o rendimento no EM progrediram bem mais do que o desempenho. Entretanto, as taxas ainda não são ideais e revelam desigualdades persistentes. As chances de alguém que concentra variáveis "desvantajosas" (homem, negro, pobre, do campo), são menores do que aquele cujo perfil é "favorável" (mulher, branca, rica, urbana) para obter uma trajetória escolar de sucesso (sem reprovação, abandono). Podemos mencionar ainda as já conhecidas vantagens das regiões sul e sudeste sobre as regiões norte e nordeste do país ou mesmo da rede privada e federal sobre as redes estaduais e municipais de ensino. Diante da pandemia e do retrocesso das políticas atuais, a expectativa é de que essas desigualdades aumentem.

Referências Bibliográficas

BARTHOLLO, T. L.; COSTA, M. Turnos e segregação escolar: discutindo as desigualdades intraescolares. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 44, n. 153, p. 670-692, setembro. 2014.

BRASIL. IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça (2015).

BRASIL. MEC/INEP. Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEEd). Notas Estatísticas do Censo Escolar da Educação Básica, 2019a.

BRASIL. MEC/INEP. Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEEd). Censo Escolar da Educação Básica: Resumo técnico, 2019b.

BRASIL. MEC/INEP. Microdados SAEB, 2019c.

BRASIL. MEC/INEP. Relatório do 3º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional da Educação, 2020.

PINHEIRO, D. ANDRADE, E.R.; NOVAES, R.; NETO, M. F. (Orgs). *Reforma do Ensino Médio: contexto, controvérsias e cenários*. Rio de Janeiro: UNIRIO: PROExc, 2020.

RAMOS, M. N. Ensino Médio na Rede Federal e nas Redes Estaduais: por que os estudantes alcançam resultados diferentes nas avaliações de larga escala? *HOLOS*, Ano 34, Vol. 02, 2018.

SOARES, J. F. e XAVIER, F. P. Pressupostos educacionais e estatísticos do IDEB. *Educação & Sociedade*. vol.34, n.124, pp. 903-923, 2013.

SOUZA, L. C. *Fatores Associados ao Valor Agregado de Proficiência no Ensino Médio: uma análise a partir do SAERJ*. Tese (Doutorado em Educação) - PUC-Rio, 2016.